



Desafios e perspectivas da Filosofia em Angola: Entrevista com Filipe Cahungo

*Challenges and perspectives of Philosophy in Angola:
Interview with Filipe Cahungo*

*Retos y perspectivas de la Filosofía en Angola:
Entrevista a Filipe Cahungo*

Murilo Rocha Seabra¹
La Trobe University (LTU)

RESUMO

Na seguinte entrevista, realizada por e-mail entre 21 de junho e 02 de julho de 2020, Filipe Cahungo fala um pouco sobre a sua trajetória acadêmica, sobre a filosofia angolana e sobre as relações – inclusive tectônicas – entre Brasil e Angola. Espero que nosso diálogo possa fortalecer nos planos intelectual e afetivo uma relação que já existe nos planos histórico e geológico. Espero também que os(as) leitores(as) não se incomodem com o fato de que eu uso a ortografia adotada no Brasil e ele a ortografia adotada em Angola. Como explicou Rafael Haddock-Lobo, só é possível filosofar em português. Não por ser o português uma língua metafisicamente privilegiada. Não por distinguirmos lexicalmente entre “ser” e “estar” – coisa que nem o francês nem o alemão fazem. Só é possível filosofar em português por uma razão bem menos pretensiosa e bem mais singela: são em nossas línguas maternas, com suas grafias particulares, que nos sentimos mais à vontade. O entrevistado nasceu aos 13 de agosto de 1992, na província do Bengo, município de Dembos-Quibaxe. Frequentou o “Seminário dos Missionários do Verbo Divino” em Angola, de 2010 a 2016. Em 2013, ingressou no Instituto Superior Dom Bosco, unidade anexa à Universidade Católica de Angola, onde frequentou os estudos em filosofia como Seminarista da Congregação dos Missionários do Verbo Divino. Em 2017 licenciou-se em Filosofia pelo Instituto Superior Dom Bosco-Universidade Católica de Angola. Ele é membro da Organização Ondjango Filosófico (FILONORG), investiga filosofia africana, Teologia africana e espiritualidade africana, sendo autor de vários artigos científicos.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia em Angola; Filosofia Africana; Filosofia no Brasil

ABSTRACT

In the following interview, conducted by email between June 21 and July 2, 2020, Filipe Cahungo talks about his academic trajectory, Angolan philosophy and the relations – including tectonic ones – between Brazil and Angola. I hope that our dialogue can strengthen (on the intellectual and emotional levels) a relationship that already exists (on the historical and geological levels). I also hope that readers are not bothered by the fact that I use the Brazilian Portuguese spelling and he the Angolan one. As Rafael Haddock-Lobo explained, it is only

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade de Brasília e Doutor em Filosofia pela La Trobe University (2018). <https://orcid.org/0000-0003-2055-4265>. Email: murilorseabra@gmail.com. Endereço institucional: Bairro: Bundoor. Cidade: Melbourne. Ruas: Plenty Road & Kingsbury Drive. Estado: Victoria (VIC). CEP: 3086 País: Austrália.



possible to philosophize in Portuguese. Not because Portuguese is a metaphysically privileged language. Not because we lexically distinguish between “being [ser]” and “being [estar]”, something that neither the French or the German languages do. It is only possible to philosophize in Portuguese for a much simpler reason: it is in our mother tongues, with their particular spellings, that we feel most comfortable. Filipe Miguel Mário Cahungo was born on August 13, 1992, in the province of Bengo, municipality of Dembos-Quibaxe. He attended the “Seminar of the Missionaries of the Divine Word” in Angola from 2010 to 2016. In 2013, he joined the Instituto Superior Dom Bosco, a unit attached to the Universidade Católica de Angola, where he attended studies in philosophy as a Seminarian of the Congregação dos Missionários do Mundo Divino. In 2017 he graduated in Philosophy at the Instituto Superior Dom Bosco – Universidade Católica de Angola. He is a member of the Organização Ondjango Filosófico (FILONORG). He investigates African philosophy, African theology and African spirituality, and is the author of several academic articles.

KEY-WORDS: Philosophy in Angola; African Philosophy; Philosophy in Brazil

RESUMEN

En la siguiente entrevista, realizada por correo electrónico entre el 21 de junio y el 2 de julio de 2020, Filipe Cahungo habla un poco sobre su trayectoria académica, sobre la filosofía angoleña y sobre las relaciones, incluida la tectónica, entre Brasil y Angola. Espero que nuestro diálogo pueda fortalecer a nivel intelectual y emocional una relación que ya existe a nivel histórico y geológico. También espero que a los lectores no les moleste el hecho de que yo utilice la ortografía adoptada en Brasil y él usa la ortografía adoptada en Angola. Como explicó Rafael Haddock-Lobo, solo es posible filosofar en portugués. No porque el portugués sea un idioma privilegiado metafísicamente. No porque distingamos léxicamente entre “ser” y “ser”, algo que ni el francés ni el alemán hacen. Solo es posible filosofar en portugués por una razón mucho menos pretenciosa y mucho más sencilla: es en nuestra lengua materna, con su ortografía particular, donde nos sentimos más cómodos. El entrevistado nació el 13 de agosto de 1992 en la provincia de Bengo, municipio de Dembos-Quibaxe. Asistió al “Seminario de los Misioneros del Verbo Divino” en Angola, de 2010 a 2016. En 2013 se incorporó al Instituto Superior Dom Bosco, unidad adscrita a la Universidad Católica de Angola, donde cursó estudios de filosofía como Seminarista de la Congregación de los Misioneros de la Palabra. Adivinar. En 2017 se licenció en Filosofía por el Instituto Superior Dom Bosco-Universidade Católica de Angola. Miembro de la Organización Ondjango Filosófico (FILONORG), investiga la filosofía africana, la teología africana y la espiritualidad africana, siendo autor de varios artículos científicos.

PALAVRAS-CLAVE: Filosofía en Angola; Filosofía Africana; Filosofía en Brasil

Apresentação

Uma das coisas que os brasileiros e as brasileiras de esquerda mais têm ouvido nos últimos anos – desde que Jair Bolsonaro assumiu a presidência – é a afirmação: “Vai pra Cuba!” Ela jamais seria feita em Angola, não com o mesmo tom de escárnio. A psicogeopolítica brasileira grampeia uma carga fortemente negativa a Cuba. No entanto, a renda *per capita* cubana é muito próxima da brasileira – e apesar de não dispormos de números precisos, Cuba é seguramente um dos países menos desiguais da América Latina. O Brasil, em contraste, é um dos países mais desiguais do mundo. A Etiópia está quase cem posições à frente do Brasil em termos de distribuição de renda, apesar de sua renda *per capita* ser menos de um décimo da brasileira. A China é outro país estigmatizado no Brasil. Mas ela está sessenta posições à sua frente.

A psicogeopolítica brasileira – em parte conscientemente, em parte inconscientemente – divide o mundo em países estimados (Estados Unidos(+), Canadá(+), França(+), Alemanha(+), Japão(+) etc.) e países desestimados (Cuba(-), México(-), Venezuela(-), China(-), Angola(-) etc.). Os primeiros oferecem paradigmas dos quais precisamos nos aproximar; os segundos,

paradigmas dos quais precisamos nos afastar. A distribuição global de cargas que fazemos em nossa intimidade, aliás, têm um impacto significativo sobre nossa maneira de vê-los – e sobre o funcionamento do nosso aparelho cognitivo. Recentemente, a pandemia provocada pelo covid-19 virou o ano de 2020 de cabeça para baixo. Não deixamos de valorizar os Estados Unidos por tomar para si equipamentos médicos que deveriam ter vindo para o Brasil. A sua carga positiva continua intacta. Não passamos a valorizar Cuba por enviar médicos para países como Itália, Jamaica, Haiti e África do Sul. A sua carga negativa continua intacta. Estamos imunizados contra fatos.

Depois da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos lançaram uma campanha global de engenharia psicológica para envernizar a própria imagem e promover o capitalismo – e para deturpar a União Soviética e conter o comunismo. A campanha – que contou com o talento de figuras como Henry Kissinger, Arthur Koestler e Raymond Aron – foi extremamente bem-sucedida, tanto que a vitória sobre os nazistas é hoje atribuída primariamente aos Estados Unidos, embora, logo depois da Segunda Guerra Mundial, tivesse sido atribuída primariamente à União Soviética. A comunidade acadêmica de hoje também não é a mesma do pós-guerra. Atualmente, a aceitação do liberalismo econômico é muito maior. Quem critica os nossos índices astronômicos de desigualdade e defende a taxação de grandes fortunas corre o risco de virar motivo de piada e ouvir: “Vai pra Cuba(-)!”. Os verdadeiros heróis são os Estados Unidos(+) e seu *Federal Bureau of Investigation* (FBI), que trabalharam arduamente para colocar Bolsonaro no poder.

Para entender porque os angolanos jamais diriam “Vai pra Cuba(-)”, é preciso lembrar que parte considerável de sua população é afrodescendente e que ela foi fortemente empoderada depois da Revolução Cubana. Quando os angolanos pediram ajuda para se livrar do jugo português, os cubanos não hesitaram, mostrando mais compromisso e determinação que os soviéticos. O país que os brasileiros tanto desprezam surpreendeu Angola com seu altruísmo (e outros países africanos). A presença militar de Cuba no continente africano só foi menor do que a presença militar da França, que fez de tudo para manter suas colônias sob controle. Washington investiu somas gigantescas – inclusive contratando mercenários franceses – contra Agostinho Neto e o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Havana os defendeu com tanques de guerra.

Murilo Rocha Seabra: Por que você decidiu fazer o curso de filosofia?

Filipe Miguel Mário Cahungo: Porque sempre desejei ver o mundo a partir da totalidade e ir ao encontro do que chamamos, em filosofia, de “essência”, e por ser a filosofia uma actividade crítica, como afirma Desidério Murcho – ou dito doutro modo, a filosofia é pensamento crítico. É por esse lado elástico que a filosofia nos fornece, ou seja, pelo facto de saber que ela é uma actividade viva, onde as ideias são discutidas e traz paz aos homens. É o lugar da tolerância, onde a máxima seria, guerra às ideias e paz aos homens. Outrossim, pela Filosofia somos capazes de nos interrogarmos a nós mesmos, as nossas crenças, convicções, etc. Ou como diz Desidério Murcho em “A natureza da Filosofia e o seu Ensino”, que “a filosofia é uma actividade viva, que nos interpela porque o objecto de estudo da filosofia são as nossas convicções, incluindo as nossas convicções mais queridas”. Ela põe-nos em jogo,



nos ajuda a compreender melhor todas as outras disciplinas, e a compreender melhor as artes, a sociedade e os seres humanos. O outro interesse deveu-se por a filosofia não ser uma actividade de monólogo, ou que se faz sozinha, tal como Severino Ngoenha afirma em “Resistir a Abadon”, “(...), não é uma actividade que se faz no isolamento da leitura ou da meditação, mas uma busca que se faz em comum”. Sempre quis saber o que esta gente “filósofos” pensa e o que fala. Depois da conclusão do Ensino Médio passei ao Filosofado (Seminário Católico, dos Missionários do Verbo Divino), onde fiz a filosofia pela Universidade Católica de Angola-Instituto Superior Dom Bosco, assim foi se dando o meu processo ou o gosto pela filosofia; coisa que no princípio, foi como um simples desejo agora tornou-se um modo de ser no mundo.

Murilo Rocha Seabra: Você já pensava em questões filosóficas antes de entrar no curso de filosofia?

Filipe Miguel Mário Cahungo: Até certo momento sim, já pensava em questões filosóficas, mas eram aquelas voltadas à existência. Questões que penso ser natural e regular aos adolescentes; o Curso de Filosofia ajudou-me, a curar algumas feridas existenciais, ou seja, ela foi para mim uma consoladora, como é o título de umas das obras de Boécio, “Consolação da Filosofia”. O gosto por ela, não é que fosse ser fácil de ganhar, mas acredito ser nessa fase da vida humana que nos despertamos e ganhamos gosto por algo, e é o espírito da adolescência que se aproxima à filosofia; essa busca e a insatisfação, isto me lembra duma entrevista que Gadamer concedeu à Geovanni Real, onde ele afirmava que a filosofia tem o espírito da juventude, por ser essa busca constante...

Murilo Rocha Seabra: Quais você acha que são os pontos positivos e os pontos negativos dos cursos de Filosofia em Angola?

Filipe Miguel Mário Cahungo: Essa penso ser uma questão difícil de ser respondida. Mas é o seguinte: o que há de positivo nos cursos de Filosofia em Angola é essa capacidade que temos em acolher no nosso plano escolar a Filosofia Ocidental (a europeia) e a vontade que houve por parte do Governo de Angola em ter criado o Curso de Filosofia, isto na Faculdade de Letras, assim como nos diversos Institutos Superiores de Formação de Professores espalhados pelo país. O outro ponto positivo que penso ser relevante é o crescente gosto que se tem notado pelo curso de Filosofia, desde a década de 90 até aos nossos dias. Já há um número considerável de jovens que acorrem ao curso, é cada vez maior o interesse dos mesmos pelos discursos e obras de Filósofos/as, apesar de destinarem à filosofia só a dimensão moral e pedagógica. Por exemplo, a Universidade Católica de Angola, organizou em 2019 um *workshop*, relacionado com os direitos humanos, convidando um Filósofo. Então, são essas luzes verdes que vão surgindo e é importante que o curso de Filosofia exista nas Universidades e Institutos Superiores, para garantir o seu futuro. Sem essas estruturas, o futuro da filosofia morrerá, pois, a existência de Filósofos dependerá disto. Hoje já se ensina, por exemplo Filosofia Africana, que é uma cadeira anual, bem como Cultura Bantu e Pensamento Filosófico Angolano; isto na Universidade Católica de Angola (UCAN). O que poderá favorecer a inserção de futuros Filósofos na senda do debate Filosófico africano, que é o meu interesse, porque nós os povos dos *PALOP's*, e de modo especial Angola, despertamos

muito tarde nesse debate. Enquanto os nossos irmãos anglófonos e francófonos têm o domínio do assunto como fala, Afonso Ucuassapi. Assim sendo, a existência dos cursos de filosofia nessas instituições, nos potencializa para contribuirmos nessa tradição. Os pontos negativos têm a ver com o facto de a Filosofia ter estado “presa” a dois grandes dilemas: crítica da religião e crítica do comunismo, ou seja, fazia-se Filosofia para preparação ao sacerdócio, por um lado e por outro, fazia-se uma crítica ao comunismo, o que constituía uma ferramenta para a construção do homem novo, como consta no Hino Nacional de Angola. Assim foi o passado recente da Filosofia em Angola. E, isto impediu o seu crescimento, porque, se por um lado, ela tornou-se escrava da teologia como diziam os “medievos” por outro, tornou-se escrava da política. Bons Filósofos foram absorvidos pela política, o que não constitui mal algum, mas estes depois abdicaram- se dela infelizmente. Mas, acredito que nosso futuro será brilhante, não estou a fazer profecia, pois isto, não é a missão da filosofia, à filosofia cabe elaborar utopias como afirma Severino Ngoenha. O conceito de Utopia, nesse contexto ganha sentido diferente de Platão e Tomás Moro, passa a significar a verdade do amanhã como Victor Hugo afirma.

Murilo Rocha Seabra: Quais são seus maiores interesses na filosofia?

Filipe Miguel Mário Cahungo: Ora, com a filosofia, os meus interesses são vários. Desde a contribuição de um debate muito mais voltado às comunidades, ou seja, contribuir para que ela se torne uma cultura. Sair um pouco do espaço académico, para um diálogo participativo; desta feita, deve ser um diálogo entre os Filósofos e as comunidades, para que não seja um diálogo repleto de disciplina partidária, onde os de fora nada ou quase entendem. Outro interesse que penso ser importante para mim, é que surja um debate filosófico que poderá posteriormente ganhar características próprias a que chamaremos de pensamento filosófico angolano; de seguida, poderemos falar de uma filosofia feita em Angola ou mesmo escola de filosofia angolana, como já podemos falar da escola moçambicana da qual integram Severino Ngoenha, José Castiano, Brazão, Ezo, Ergimino Mucale e outros. Feito isto, penso estarmos em altura para contribuir no debate filosófico africano, que é o meu foco. Penso ser justo em sermos referenciados no debate filosófico africano, porquê só os anglófonos e os francófonos? Embora tenham entrado muito cedo no debate, senão mesmo começado. Porquê não pensarmos filosoficamente os nossos problemas? Tais como a fome, a malária, o HIV-AIDS, a pobreza, a desigualdade social que gera pobreza, o desencontro cultural, ou esse desajustamento cultural que é um problema em muitas sociedades africanas; o meu apelo, vai no sentido de ao filosofarmos sobre estes fenómenos teremos sempre que recorrer ao “*quid*”, a essencialidade, perguntando sempre o porquê, coisa típica da Filosofia. Outro interesse é redefinir estas duas grandes questões que a meu ver são chaves: “porquê a filosofia em Angola e em que ela poderá contribuir?”

Murilo Rocha Seabra: Quem são, ao seu ver, os pensadores e as pensadoras mais interessantes de Angola?

Filipe Miguel Mário Cahungo: Respondendo a questão, em Angola, os pensadores que merecem ser levados à sério são vários na verdade, mas destacarei apenas alguns: Temos José



Manuel Imbamba, com a sua obra “Uma nova Cultura para Mulheres e Homens Novos”. Nela, o autor busca ou propõe uma nova concepção de homem, voltada aos valores essenciais que rebusquem a dignidade da pessoa. O autor entende que, após o conflito cívil, era preciso repensarmos os princípios sobre os quais estavam assentes a concepção de homem. Temos o já falecido Muanamosi Matumona, nas suas obras, “Filosofia Africana, na Linha do Tempo: Implicações Epistemológicas, Pedagogia e Práticas de uma Ciência Moderna”. Nela, o autor reflecte e propõe uma filosofia africana da Reconstrução; influenciado pelo *congolês* Kã Mana. A África abalada pela escravatura e guerras civis, de modo particular Angola, é preciso que ela se reconstrua, ou seja, fazermos esta reconciliação entre o passado e o presente, para melhor enfrentarmos o futuro. Na sua obra teológica, voltada também à Reconstrução; na verdade a obra filosófica é resultado da sua obra teológica. É preciso compreender que o nosso autor é teólogo e filósofo. Temos de seguida José Ukwachali, com a sua obra, “Antropologia da Responsabilidade para a Humanidade do Terceiro Milénio a Partir da África”. O autor pede uma participação de todos para a construção da humanidade, e é fortemente influenciado por Emanuel Kant pela sua máxima moral “age de tal modo que a tua acção não seja nociva a ti como a humanidade do outro”. Temos André Lukamba, apesar de ser teólogo, as suas reflexões trazem respaldos filosóficos, com as suas obras, “A Globalização e os Conflitos no Sul, Desafios Éticos Colocados pela Clonagem” e tantos outros livros.

Temos por exemplo a escola de Benguela que é um pensamento que está em construção com vários padres na liderança dessa corrente, que a meu ver está muito voltada ao personalismo. Na esfera feminina, temos a Teresa Mambu, uma Filósofa que está voltada à escola hermenêutica na filosofia africana, pois é a sua área de pesquisa, temos a Arminda Filipe, na sua obra “Ondjango, Filosofia Social e Política Africana”, ela procurou reflectir em volta de noções chaves e fundamentais que se revelam na tradição oral do Ondjango, um trabalho muito idêntico ao de Tempels. Claro que esta abordagem que faço não é consensual, mas enquanto alguém que se dedica ao estudo da filosofia em Angola e Africa, chego a este ponto, porém, existem muitos outros pensadores. Mas, penso ter feito uma síntese essencial, embora esteja aberta a abordagem, porque paulatinamente vão surgindo outros pensadores.

Murilo Rocha Seabra: Você está construindo a sua própria filosofia?

Filipe Miguel Mário Cahungo: Honestamente, não. Ainda estou nessa fase que penso ser obrigatório para qualquer pessoa que queira empreender qualquer projecto, e, é a fase que entendo ser primordial, pelo contrário, estaríamos a constituir um castelo de areia. Mas, em quase todos os meus escritos insisto numa filosofia da reconstrução; neste ponto tenho sido influenciado pelo autor Muanamosi Matumona, por outro lado, sou influenciado Severino Ngoenha na ideia de uma Filosofia que possa dizer algo sobre a nossa circunstância, quiçá uma filosofia engajada. Atenção! Não, que eu seja marxista. Desta feita, então posso afirmar que sempre procuro pensar nesse diálogo entre Muanamosi e Ngoenha. Também tenho feito esse diálogo com a Escola Hermenêutica. Ainda sobre o projecto libertário de Ngoenha, é interessante no sentido de dar ao angolano a responsabilidade de ser sujeito da história; se durante o colonialismo e a luta armada fomos objectos da história, então eis o momento de assumir a nossa intersubjectividade como fala Castiano. Esta busca pela intersubjectividade, deve desenvolver-se na reconciliação entre o passado e o presente, ou ainda, entre tradição e

modernidade enquanto evento do ocidente. Estes são os passos que estou a dar, que penso serem importantes, porque a filosofia é também esse diálogo entre os autores.

Murilo Rocha Seabra: Qual foi o momento de maior reconhecimento na sua trajetória acadêmica?

Filipe Miguel Mário Cahungo: A minha trajetória académica começou a merecer reconhecimento, isto é, a partir da instituição onde estudei, por parte de antigos professores e em alguns círculos depois da licenciatura. Ou seja, desde que comecei a me interessar pela pesquisa da filosofia africana e na redacção da minha monografia para a conclusão do curso, senti que fazia algo diferente do que era habitual naquela instituição. De referir, que eu fui o primeiro a tratar de um tema de um filósofo africano na Universidade Católica. Para mim essa foi uma grande experiência e, além disso, faço parte de uma organização voltada à pesquisa da filosofia. Quando o assunto é para tratar uma questão relacionada com a filosofia africana, sou quase sempre solicitado para abordar. Mas paulatinamente, e através do meu trabalho, tenho percebido o merecido reconhecimento em vários círculos. O que talvez eu possa dizer e afirmar com júbilo é o retorno que tenho recebido por parte do Brasil, onde tenho mantido um diálogo regular com vários professores, em participar em alguns eventos e parcerias. Exemplo deste contacto, é a minha participação em 2019 do I.ª Colóquio Internacional de Literatura e Filosofia, realizado pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e o que essa entrevista representa. Neste quesito receio que a minha trajetória se aproxime à experiência da escritora Moçambicana Paulina Chiziane. O seu reconhecimento começou de fora de seguida é que passou a ser reconhecida e estudada na sua terra. Então, isto me põe de facto alguma vez a pensar no que poderá vir a ser. Mas, mais do que esperar pelo reconhecimento, vamos trabalhar e de seguida se justificará; é isto que há-de ser fascinante.

Murilo Rocha Seabra: É difícil para autores e autoras de Angola publicarem seus livros e artigos de filosofia?

Filipe Miguel Mário Cahungo: De facto, é difícil publicar livros e artigos em Angola. Primeiro, é que publicar um livro custa caro, depois temos poucas editoras, apesar de começarem a surgir já algumas com um preço mais ou menos razoável, mas ainda assim é caro publicar em Angola. Já aos artigos é muito difícil, por existirem poucas revistas, as que existem dedicam pouca atenção à Filosofia. Dada a esta problemática, muitos recorrem à internet através dos portais e revistas electrónicas para publicar o seu pensamento sobre determinado assunto; como é o meu caso claro! Os factores mencionados ao meu entender contribuem bastante para o definhamento e a pluralidade de ideias, e que se traduz na não discussão de ideias.

Murilo Rocha Seabra: A história do Brasil pode ser comparada à de Angola em muitos aspectos. Os dois países são ex-colônias de Portugal. Os dois países abrigam uma multiplicidade de etnias. O português é a língua dominante nos dois países, mas não é a única língua falada neles. As crenças e culturas locais dos dois países também foram reprimidas fortemente pelos colonizadores. No mundo académico brasileiro há um crescente interesse



pelos elementos locais que foram soterrados pelo processo de colonização. Há cada vez mais estudantes e professores querendo trazer vozes e pontos de vista afrobrasileiros e ameríndios para o espaço da filosofia acadêmica brasileira, que ainda é majoritariamente orientada para as potências dominantes do norte atlântico. Como a relação entre o pensamento africano e o pensamento europeu é vista em Angola? O pensamento europeu tem mais prestígio do que o pensamento africano?

Filipe Miguel Mário Cahungo: Certo, Brasil partilha muita coisa com Angola, incluível se virmos a nossa costa de Luanda parece que nos primórdios esteve conectada à Baía. Se no período colonial era o homem branco que reprimia as nossas culturas, hoje o colono tem o nome de angolano, a elite política quase nada faz para a possível construção da nossa identidade que foi ferida; e continua, claro. Porque para lhe ser honesto nós olhamos o mundo com olhos emprestados, as categorias que utilizamos para descrever o nosso mundo não são nossas. Ou seja, nós os africanos, de modo especial angolanos, “pensamos o que não vivemos e vivemos o que não pensamos”, como fala o filósofo guineense Filomeno Lopes. Ao nosso modo de ver e compreender os outros chamaram de superstição, feitiço e primitivo, e isto continua porque nós herdamos quase tudo da administração colonial; desde a arquitetura, gastronomia, filosofia, sociologia, a religião, etc. Ainda, infelizmente, o pensamento europeu goza de enorme prestígio nas nossas academias. Mas, pelo que tudo indica isto poderá mudar, porque estão a surgir vários movimentos voltados à reconstrução da nossa consciência histórica, assim como o Movimento Ubuntu e pessoas singulares, a própria Universidade Católica de Angola criou recentemente um centro de estudos africanos. Agora, sobre a relação entre o pensamento europeu e o angolano, posso dizer que está a ser feito sobre o silenciar de várias vozes. Portanto, o pensamento angolano ainda é periférico. Precisamos nos reconciliar com as nossas tradições ou o nosso passado, coisa que não está a ocorrer.

Murilo Rocha Seabra: A maior parte dos brasileiros só fala português. Como é em Angola? Quais línguas você fala?

Filipe Miguel Mário Cahungo: Bem sobre esta pergunta, a língua portuguesa também em Angola é a língua mais falada, é através dela que nos comunicamos com o resto do país. Dizer que dos vários grupos étnicos linguísticos existentes, cada um felizmente conserva a sua língua e a mesma continua a ser falada e ensinada através das famílias. Mas muito recentemente começou-se a pensar na sua implementação no sistema de ensino. Por exemplo, nós temos os seguintes grupos étnicos: Bakongo, Chokwe, Nhaneca Humbe, Ovimbundu, Ambundu, Ganguela, Xindonga, Herero, Ovambo e os Khoisan. Eu pertencço ao grupo Ambundu, a língua que se fala é o kimbundu, mas infelizmente não falo a mesma. Mas, uma coisa ou outra entendo, este tem sido o meu grande trabalho, em aprender a língua e através dela poder compreender o que se “esconde” nessa língua, porque a língua é a antropologia, política, filosofia, religião de um povo.

Murilo Rocha Seabra: No Brasil, os estudantes de filosofia não são estimulados a desenvolverem seus próprios pensamentos, suas próprias ideias. Às vezes se diz que a graduação e o mestrado são momentos de aprendizagem e que o momento de desenvolver ideias originais é no doutorado. No entanto, a maior parte das teses de doutorado em filosofia

defendidas no Brasil são sobre aspectos específicos do pensamento desenvolvido no norte atlântico. Como funcionam as coisas em Angola?

Filipe Miguel Mário Cahungo: Em Angola é quase a mesma coisa, estuda-se para ser "grande enciclopedista", mas de reflexão pouca coisa se ensina. Conhece-se muita história da filosofia, que, ao meu entender é importante, pois para ser filósofo penso ser importante esse diálogo com o passado, mas, não podemos conhecer ou ficar simplesmente nos clássicos ou passado, devemos responder às grandes questões que o nosso tempo nos coloca. Em algumas Instituições, o estudante deve pensar como o professor pensa, caso contrário, é rotulado. De facto, a cultura de afastar o diferente é vigorosa, lamentavelmente! Quanto ao desenvolver ideias originais, este é um assunto que merece muita atenção, por que, nem sempre o Doutor está engajado em construir um discurso que se quer constituir como alternativo, e há Licenciados/Graduados e Mestres engajados, então que fazer? Esperar pelo Doutor ou avançarmos? Para sustentar o meu argumento e com todo respeito que tenho por ele; em Angola conheço o jovem escritor e crítico literário Hélder Simbad, é um dos destacados na área da Literatura e é graduado pela Universidade Católica de Angola no curso de Línguas, Tradução e Administração. Isto talvez passe por complexos e a impossibilidade de pensar que existem alternativas, e hoje o mundo nos dá muitos bons exemplos de que as coisas não caminham simplesmente por aí. Outra realidade que a meu ver parece ser interessante é ver como em Moçambique, o debate filosófico se desenvolve, há esse diálogo entre os filósofos, desde os Licenciados/Graduados, Mestres e Doutores, aí reside a enorme riqueza. Outro dado importante para mim é ver Ergimino Mucale, que publicou a sua primeira obra de filosofia africana como graduado. Já começamos a ter um número considerável de mestres em filosofia formados no país, Doutores temos também, e vamos ver se isto contribuirá para um possível debate ou diálogo. Muitas das teses de doutorado, feitas por angolanos, se debruçam sobre pensamento Ocidental "europeu", deve-se pelo facto de grande parte ter estudado nesta parte do planeta terra. Mas apesar disto, temos bons exemplos de filósofos e filósofas que mesmo tendo estudado na Europa trabalharam em filosofia africana, como Muanamossi, Imbamba, Arminda Filipe e Teresa Mambu. Mas sabes! Escrever sobre filosofia africana ou um pensamento filosófico angolano é um risco, porque primeiro debes te convencer de que é possível, em seguida vem o problema da bibliografia, este constitui o calcanhar de Aquiles para muitos. Por exemplo, eu quando trabalhei na minha monografia sobre filosofia africana, encontrar bibliografia foi um dos grandes desafios, mas bons ventos começam a soprar. Porque com as Edições Pedagogo e Edições Mulemba (ambas ligadas à Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto) já começam a aparecer em português, obras relacionadas à filosofia africana.

Murilo Rocha Seabra: Para concluir nossa entrevista, quais você acha que são os caminhos futuros da filosofia em Angola?

Filipe Miguel Mário Cahungo: Devo confessar que, enquanto aprendiz dessa busca ou nesse caminho, para Angola noto que os caminhos a seguir serão vários. Porque ainda pouco se fez enquanto reflexão filosófica, isto dá-me a entender que serão enormes. Há passos a serem dados, conheço de facto, muita gente dedicada na reflexão filosófica, claro que cada um ao



seu estilo, uns mais voltados à filosofia de cunho eurocêntrico e outros na tentativa da construção de um pensamento filosófico angolano, recorrendo aos valores culturais dos vários grupos etnolinguísticos. Mas é assim! A filosofia é essa diversidade; onde há uma luta urbanizada, feita de ideias. Acho que se deve à Filosofia afirmar, ser mais interventiva e participativa do diálogo social e comunitário. Penso que, o filósofo deve dialogar com o seu tempo, ele não é um vidente, é um caminhante com espírito de uma criança que questiona. Temos três instituições que leccionam o curso de Filosofia: A Faculdade de Letras-Agostinho Neto, o Instituto Superior de Ciências da Educação-ISCED, a Universidade Católica de Angola, cada uma delas tem o seu forte e as suas influências, pois serão estas que, a meu ver contribuem e poderão contribuir para o debate filosófico.